



A LEI DOS PISTOLEIROS

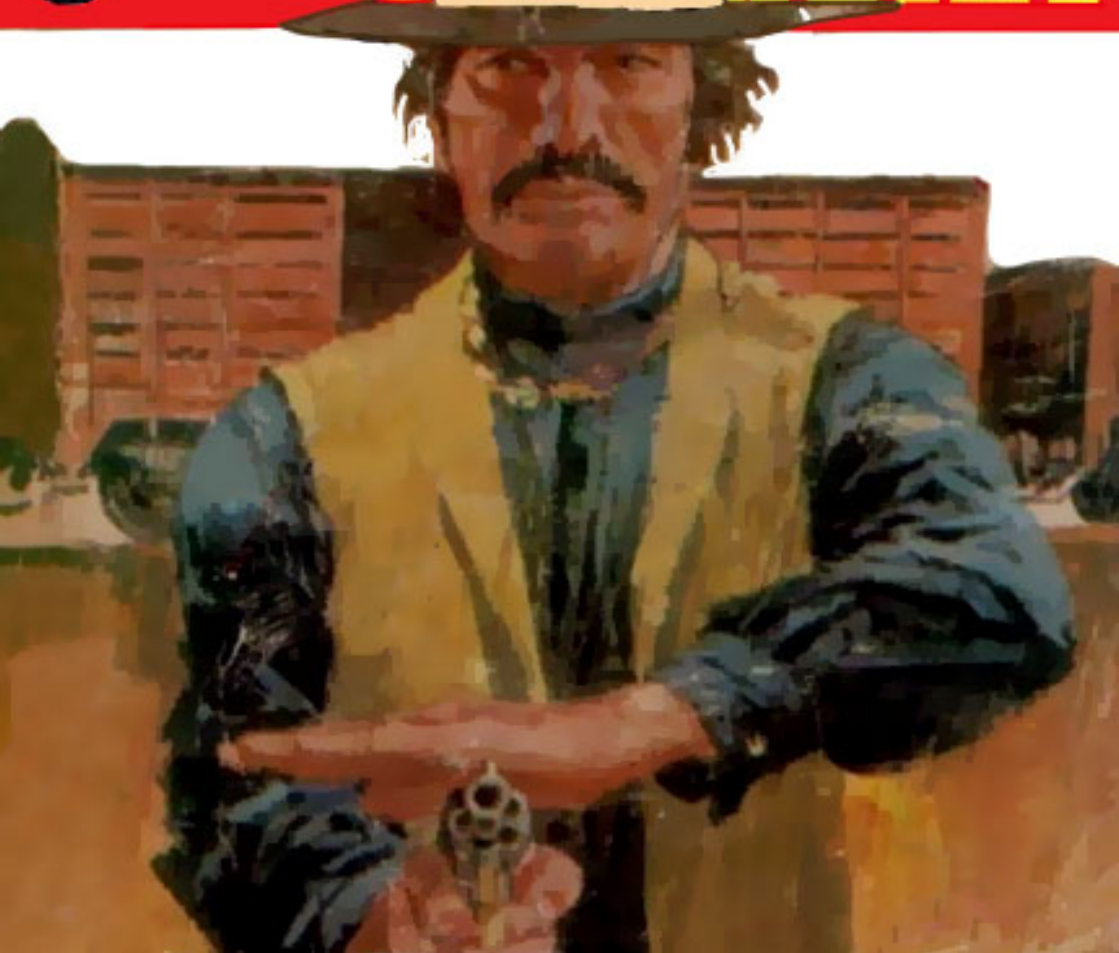
94

Cr\$6,00



Marcial
LAFUENTE

FORTEFANIA



O jovem juiz Jeff Brocks despertava sempre uma desconfiança inicial onde era nomeado, e logo depois, o ódio, pois aplicava a lei rigorosamente e sem piedade. Quando se encarregou da violenta e sem lei, Silver City, passou a punir uma horda de malfeitores, encarregados de saloons irregulares, minas espoliadas ilegalmente, ladrões de gados e assassinos. Pretendia limpar a cidade, mesmo que tivesse que passar por cima de seus inimigos, e agir como um pistoleiro.

Digitalização: Marina

Revisão: Laís

CAPITULO I

Jeff Brocks era o juiz de Ruidoso, cabeça do Condado. Chegara há uns cinco meses, e não foi bem recebido porque todos estavam habituados com o Juiz Dennis, que tinha um belo rancho nas proximidades, conhecendo assim todos os seus vizinhos e os criadores de gado da região.

Segundo o prefeito e o próprio Dennis, Jeff era muito jovem; portanto inexperiente, ainda que tivesse chegado ali precedido de grande fama entre os profissionais da lei, como conhecedor dos códigos. Saíra da

Universidade como o primeiro aluno entre os demais. Ganhara muitos prêmios.

Era filho de um fazendeiro de Albuquerque, um dos mais importantes da região que, ao casar seu filho com uma Portocarrerro, unira assim duas grandes fortunas em terras.

Não se preocupou com a fria acolhida, que lhe deram no povoado, nem com a indiferença que o rodeava.

Andava sempre a cavalo, para atender aos chamados das fazendas que estavam dentro de sua jurisdição. Tinha também uma pequena carreta à sua disposição, para ir a locais mais afastados. Mas nos outros casos preferia o cavalo.

O Juiz Dennis, por sua amizade com os fazendeiros, em muitos casos não aplicava a lei com rigor. Acostumara-os mal, e aquele que procurasse corrigir alguns defeitos ficaria impopular.

O caso mais gritante era o de James, o filho de um fazendeiro a quem Dennis

concedera algumas vantagens. Isto sem falar no secretário do juiz, que sempre foi o verdadeiro magistrado, pois Dennis ficava cuidando de seu rancho e deixava tudo nas mãos dele. Naturalmente, não gostou da chegada do novo juiz.

Jeff não tardou a descobrir que o xerife também não simpatizara com ele; tinha sido nomeado pelo pai de James. Este, acostumado a todas as facilidades, ao ver Jeff chegar, mesmo com seu preparo e sua cultura, ria-se dele às escondidas.

Fez amizade com os militares do Forte Stanton, mas não podia confiar unicamente nas informações deles, pois era difícilimo conhecer a vida daquela gente, já que estava rodeado pela desconfiança.

Não demorou a saber que o prefeito, que tinha uma loja, era uma espécie de sócio ou de "favorito" de Ringo, o pai de James.

Resolveu então visitar os fazendeiros da região e colher suas próprias informações.

Não gostava de beber e freqüentava pouco os saloons. Num deles vira duas mulheres na porta, ajudando o dono do local. Eram simpáticas e atraentes.

James freqüentava o estabelecimento assiduamente. Se lá estava e Jeff passava, fazia comentários zombeteiros para divertir os ouvintes. Estes eram obrigados a rir, não querendo contrariar o rapaz, cuja fama já conheciam.

— Por que não o convidam para entrar?
— dizia ele a uma das moças. — Tenho certeza de que teria medo de vocês.

— Por quê? Acho que você está julgando mal o rapaz.

— Ele as cumprimenta?

— Quando estamos na porta, sim.

— Mas ele não entra para beber...

— Disse que não gosta.

— Parece que é verdade. Não entra em nenhum saloon.

— Algo de mal nisto?

— Mas vocês não são tão feias assim! Podia vir conhecê-las... Quando ele passar por aqui, vou convidá-lo para beber.

No dia seguinte, James cumpriu o prometido. E Jeff aceitou.

— Não nos conhecemos, juiz, mas já nos vimos na rua. Sou James Bayview, filho de Ringo, um fazendeiro de quem na certa já ouviu falar...

— Ouvi, sim.

— Somos os fazendeiros mais importantes da região. Quero convidá-lo para tomar um uísque comigo.

— Não costumo beber, mas não detesto bebida. Há anos, um de meus vaqueiros me fez beber tanto que, depois de curado da bebedeira, passei alguns dias sem poder ver uma garrafa. Mas isto já faz muito tempo.

As mulheres olhavam para James com desprezo, mas ele sentia-se envaidecido e seguro de si.

Enquanto isto, o barman veio logo atender ao juiz, puxando assunto e falando de sua altura fora do comum.

James chamou as duas moças, para apresentá-las a Jeff. Logo perguntou por que ele não aparecia por ali, pelo menos para jogar, se não gostava de beber.

— Prefiro passear. Monto desde os seis anos. Fui criado entre gado e vaqueiros...

— O Juiz Dennis também... Conhece-o?

— Foi ele que me transmitiu o cargo. Depois disto não o vi mais. Qualquer dia irei lhe fazer uma visita.

— Se for lá, devo avisá-lo de que ele tem uma filha... e vai casar comigo.

— Não sabia que ele tinha uma filha. Mas acho este aviso inoportuno. Parece que não respeita muito as mulheres...

— Bem, a gente tem de viver...

— Espero que sua vida não saia dos limites da lei. Seria rigoroso em meu julgamento, pois não gosto de conquistadores...

As duas moças sorriram, mas James deixou de rir. Não gostou do que o juiz dissera.

— Não tenho culpa se as garotas, pensando no rancho, são tolerantes comigo. Não vou aborrecer-me com elas, não é?

— Devo ser franco com você. Já soube que cria alguns problemas com as jovens daqui. Mas não o faça em minha jurisdição, porque sou muito enérgico a esse respeito.

Dizendo isto, Jeff despediu de James e das moças e saiu do saloon.

— É um bobo! Cumprimentou vocês como se fossem umas damas! — disse James, meio irritado.

— Ele é um cavalheiro e um homem bonitão — disse uma delas.

— Não gostei do que ele disse...

— Você o provocou quando disse que Edith ia casar com você.

— Mas asseguro a vocês que ele se arrependerá de ter falado assim comigo.

— Você é que precisa ter cuidado. Ele já falou que vai ser durão com você.

— Não dependo dele para nada!

James contou a seus amigos o que se passara. Todos ficaram irritados e acharam que Jeff merecia uma lição.

Dois dias depois, Ringo convidou o novo juiz para uma festa em sua casa, em homenagem a sua filha que voltara do Leste.

Jeff ficou meio desconfiado do convite. Achou que o mesmo partira de James. Estava com medo de que surgisse dentro dele o espírito do vaqueiro, ao invés do sóbrio juiz.

— Não dê importância a ele. É um presunçoso, mal acostumado pelo outro juiz — disse o Major Briggs, que também fora convidado.

— Tenho medo de não conseguir controlar-me.

— Depois de tudo, não haverá mal nenhum em dar-lhe uns bons socos...

— Vou procurar evitar... Que impressão tem do pai dele?

— Como todos no Oeste, está habituado a ser uma espécie de juiz regional, onde nada acontece sem que ele tome conhecimento ou intervenha. Coloca as pessoas nos cargos para que elas lhe prestem favor ou não o incomodem. Até agora, todos os juízes concordaram com ele. Tenho interesse em ir a essa festa por causa de Edith, a filha do antigo juiz, que acabou de terminar seus estudos.

— A que vai casar com esse sujeito?

— Terá de escutá-la... Não é das mais dóceis. Nas últimas férias, não queria nada com James. Esse casamento deve ter sido acertado pelos pais deles. Mas será bom ouvir Edith... Não acredito que tenha mudado de idéia.

— Eu estou falando da festa de Ringo e não de Dennis.

— Mas eu estou preocupado com Edith, a filha de Dennis. Vamos vê-la na festa. E Sharon, a irmã de James, vai lhe agradar. É muito simpática e perigosa. Não se dá bem com o irmão nem com o pai. Aconselho-o a ter muita atenção com o pessoal desse rancho...

— O que você está querendo dizer?

— É que James não tem qualquer parentesco com Sharon. A mãe dela casou-se com Ringo, mas o filho deste nada tem a ver com a mãe da garota. O rancho era da família da mãe de Sharon...

— Vou examinar isto agora mesmo. Quer vir comigo?

Os dois procuraram por mais de três horas, e finalmente encontraram o que buscavam.

— Estou surpreso como Dennis não regularizou isto. E fez a inscrição do rancho de maneira tão irregular que isso pode até custar-lhe a prisão. Terei de ir a Santa Fé para ver o original, que deve estar no

Registro do Território. Aqui eu tenho a confirmação de que a inscrição é falsa. Esta é a cópia do testamento da avô e da mãe de Sharon. O Juiz Dennis falsificou o livro para inscrever o rancho no nome de Ringo, quando este pertence a Sharon Hurtado. E o "T", que era a marca anterior do gado, ele a transformou em "R".

— E continua marcando o gado com esta marca — disse o major. — Vou levar os livros para o Forte. E depois direi tudo a Sharon, pois tenho medo de que façam alguma coisa a ela — acrescentou o major.

— O padrasto dela não poderia herdar nunca.

— Mas se ela morresse, o rancho ficaria para os atuais ocupantes. Acontece sempre isto por aqui.

Deixaram o arquivo como o encontraram, para que ninguém suspeitasse de que tinham sido mexidos. Jeff agora estava tranqüilo porque os livros ficariam bem guardados no Forte.

Enquanto isto, James combinou com seus amigos e amigas para que não conversassem com o juiz na festa que seu pai daria em homenagem a sua irmã. Todos se comprometeram a fazer isso.

Sharon e Edith, que eram amigas de infância, foram ao povoado.

— Meu pai disse que você vai casar com James — disse Sharon.

— Acho que seu pai e o meu combinaram isto.

— Bem... meu pai... é... sempre o chamei assim...

— Por que você diz isto, Sharon?

— Ele não é meu pai.

— Como?!

— Eu tinha três anos quando ele se casou com minha mãe. James não é meu irmão. E o rancho é só meu.

— Eu não compreendo...

— Não diga nada, mas durante esta festa eu vou dizer isto a ele.

— Mas meu pai sempre falou que o rancho era de Ringo, que você era filha dele!

— Não! É só meu. Quem me disse foi tia Rose.

— Acho melhor você não puxar este assunto sem ter certeza das coisas. Quer que eu pergunte ao meu pai? Ele deve saber disto.

— É melhor. Você tem razão. Tenho de me certificar primeiro. Tia Rose não gosta de meu pai...

— Papai foi juiz muito tempo. Deve estar bem informado — disse Edith.

A moça não perdeu tempo. Logo perguntou a Dennis, que ficou surpreso com a pergunta e indagou quem tinha enganado Sharon, dizendo que o rancho era dela.

Edith aproveitou para comunicar a seu pai que não iria casar com James. Dennis disse que já estava tudo acertado entre ele e Ringo.

— Por favor, papai, quem vai escolher meu marido sou eu, e no momento oportuno. Peço-lhe que não repita esta bobagem!

— Já combinamos tudo, Edith, e James está preparando as coisas para o casamento.

— É melhor ele não se preocupar com isto.

— James é um bom rapaz.

— Ele não me agrada, nem me interessa. Esqueça.

— Não posso voltar atrás, minha filha!

— Mas eu posso, não se preocupe.

— Mas eu não quero que você faça isto!

— Pois vou colocá-los em ridículo...

— É melhor você pensar antes.

— Está mais do que pensado. Não vamos mais falar nisto.

— Você vai casar com ele — disse Dennis, mudando de voz e de atitude.

— Suponho que não está falando sério — retrucou Edith, olhando-o.

— Já disse que você casaria com ele!

— Não sabe o que está dizendo —
replicou Edith, saindo da sala.

CAPÍTULO II

James não gostou quando viu Jeff chegar com o major e o capitão do Forte. O agente da Reserva indígena também estava com eles. Esperava que o juiz viesse sozinho, como costumava andar pelo povoado.

Os seus amigos também não gostaram, mas Ringo cumprimentou os quatro convidados, com toda amabilidade.

— Puxa! Você está há uma semana aqui e não foi nos ver, hem? — disse o major, aproximando-se de Sharon.

— Desculpe, mas eu estava muito atarefada, John...

— Vou apresentá-la ao juiz do povoado.

— Já me falaram a seu respeito. Pelo que me disseram, acho que vou gostar do senhor.

— Pelo visto, não falaram bem de mim — disse Jeff, rindo.

— Não é que tenham falado mal... queixam-se de que o senhor é jovem, sem experiência. Mas eu ia procurá-lo no Juizado.

— Se é por causa do rancho, fique tranqüila. Ele vai a Santa Fé, para averiguar. Não o procure na cidade, pois chamaria muita atenção — disse o major.

— Ele sabe? — perguntou ela.

— Sim, foi o major quem me informou — respondeu Jeff.

— Venha dançar comigo — disse ela a Jeff.

— Terei muito prazer, mas os jovens aí é que ficarão com raiva de mim.

— Mas não vão fazer nada! Cuidado com James. Ele é quem mais fala de você... e não muito bem!

— Você é que não deve dizer nada e ter muito cuidado...

— Falei com Edith, a filha de Dennis, o antigo juiz. Ele disse que me enganaram e que o rancho é de meu padrasto.

— Você não devia ter dito nada. Agora não insista nisto. Deixe as coisas como estão. Deve fingir que ficou muito aborrecida, por sua tia tê-la enganado. Mas o rancho é só seu.

— Se for assim, vou expulsar daqui Ringo e James.

— Quando eu voltar de Santa Fé, falaremos no assunto. Não se precipite.

Jeff e Sharon se tratavam agora com intimidade. Os amigos de James se aproximaram e a levaram com eles.

— Não quero que você fale com o juiz — disse James.

— E quem é você para me dizer com quem devo falar?

— Mas, Sharon... Seu irmão é mais velho...

— Preocupe-se com suas coisas. Por que você não gosta do juiz? Pois é um rapaz espetacular, que não se compara com nenhum de vocês!

— Está louca?

— Estão com raiva porque ele é superior a vocês! Edith! — chamou a amiga e se dirigiu a ela. — Conheci o juiz. É um rapaz e tanto...

Edith riu e disse:

— Você sabe que meu pai quer obrigarme a casar com James?

— Que idéia!

— Perde seu tempo... Mas não estou gostando do jeito de ele falar comigo.

— Que belo esposo que lhe arranjaram!

— Espero que não façam o mesmo com você, Sharon.

— Perderiam o tempo.

— É o que tentarei fazer. Não sei o que meu pai viu em James.

— Meu pai é que deve ter gostado de você.

— Mas é bom procurar outra... Sabe o que devemos fazer? Pedir ao major e ao juiz que dancem conosco.

— Isto mesmo. Vamos procurá-los.

Jeff sorriu ao ouvir a proposta das moças. Fizeram logo o acordo e, depois do jantar, quando os pares começaram a dançar, os quatro desapareceram do salão.

James e seus amigos perceberam a ausência dos quatro.

— Elas não têm a menor vergonha! — exclamou James.

— Foram dar um passeio pelo rancho...

— Que passeio! São sem-vergonhas mesmo!

— E Edith vai casar com você...

James enfureceu-se com este comentário e foi falar com o pai de Edith.

— Não devia ter deixado que ela dançasse primeiro com outro.

— Nem me dei conta.

— Devia ter dado uma surra nela!

Ringo disse a Dennis:

— Não estou satisfeito de Sharon fazer amizade com o juiz.

— Não se preocupe. No Juizado não há nada de importante para ela.

— Mas não gosto disso...

— São jovens e...

— Você tem certeza, Dennis, que não há nada por lá?

— Ringo, ficou tudo arrumado...

De repente, ficou pensativo e acrescentou:

— Bem... creio que está tudo certo, mas amanhã falarei com o secretário. Não sei se olhei todos os livros. Agora não me lembro bem, mas amanhã mesmo saberei disto.

— De que você tem medo?

— De nada. Quero apenas confirmar. A tia de Sharon falou que o rancho era dela, e nada mais. Agora Sharon está fazendo amizade com o juiz, e é bom verificar tudo.

— Essa bruxa! Nunca se ligou a mim, por isso não quero vê-la com esse juiz... Não vou deixar que me tirem isto. Se for necessário matá-la, não devemos vacilar. Podemos preparar um acidente...

— Bem... não seria uma solução ruim. Acho que não há testamento. A não ser que o juiz a aconselhe a fazer um.

— Está vendo como essa amizade é perigosa?

— Você deve mandar procurar as duas.

Ringo foi imediatamente transmitir a ordem a seus vaqueiros, dizendo:

— Se for preciso, traga-as a chicotadas! Não importa que um deles seja juiz, e o outro um capitão!

Os vaqueiros nem se abalaram. Deixaram passar uns minutos e depois voltaram, para comunicar que não os tinham achado. Havia muito pouca luz por ali, disseram.

— Onde se terão metido? Depois vão dizer que são dois cavalheiros! — disse Ringo, aos berros.

— Não perca o controle, Ringo. Está falando de dois cavalheiros de verdade. Não têm a menor semelhança com você, que não passa de um covarde — disse o major.

— Bem... estava nervoso... me desculpe...

— E por acaso é cavalheirismo levar duas moças para fora da festa? — perguntou James.

A resposta do major foi um soco no queixo de James, que teve de ser socorrido a sal e vinagre, maldizendo de todas as formas a intervenção do major.

— Não perca a calma! Afinal, nada houve de tão grave — disse Dennis.

— É grave, sim, porque a festa é em homenagem a ela!

— Essa moça não gosta de mim, e tampouco de você e de James. Além do mais, a tia dela a envenenou, dizendo-lhe coisas que não deveria saber.

— Estou preocupado com o rancho.

— Mas sabendo que você, Ringo, não é pai dela, ficarão imaginando como o rancho foi parar em seu nome. A propriedade sempre foi dos Hurtado, com os quais você não tem a menor relação de parentesco. Se

o juiz souber disto, você vai ficar sem nada. Por isso deve tratar Sharon com carinho, mas você sempre agiu ao contrário!

— Isto não mudaria a situação em nada. Acho melhor arrumar um acidente...

— Pense bem que sua vida estará em jogo... e pior ainda será se o juiz fizer amizade com ela...

— Mas, antes que a amizade se fortaleça, eu agirei. Vou encarregar James de tudo; não quero envolver nenhum vaqueiro nisso. — Ringo falava isto, com medo de que algum deles suspeitasse de que sua propriedade estava em perigo.

Quando o baile terminou, Dennis virou-se para sua filha e disse:

— Você acha bonito o que fez?

— Não percebemos que tinha passado tanto tempo — disse o capitão.

— Não estou falando com o senhor — retrucou Dennis.

— Até logo — disse Sharon a Jeff, e também despediu-se do capitão.

— O que o juiz lhe disse? — perguntou Ringo, que foi atrás da jovem.

— Nada. Fique tranqüilo. Não volte a me censurar nem a tratar-me como filha.

— Todo mundo acredita nisso há muitos anos.

— Mas sei que não é verdade. Não insista.

— Você vai acabar me cansando... — disse Ringo, afastando-se dela.

Na hora do almoço, no dia seguinte, Sharon desatou a rir quando viu James.

— O que houve com seu queixo?

— Pare de rir! Foi o covardão do major. Mas vou aprontar uma para ele!

— Não se meta com o pessoal do Forte. Não é bom negócio. Você falou mal de mim, não foi?

— E de Edith. E deles também, que se dizem cavalheiros.

— E são. Quem dera vocês se parecessem um pouco com eles! — disse Sharon.

— Continue falando assim que eu rebento a sua cara. Vai ficar pior do que a minha!

— Acabou-se a época de castigos, meu filho. E também a de vocês se passarem por meu pai e irmão!

— E você acha que vamos chorar por causa disso?

— Mas vão chorar quando tiverem de sair deste rancho, do qual não são donos...

— Quem inventou essa história para você? Sua tia Rose? — perguntou James, rindo.

— Logo vocês verão.

Ringo ficou muito assustado e quando a moça saiu, falou com James.

— É melhor acabar com ela. Não deixe que saia do rancho.

— Está louco? Você quer que os vaqueiros acabem comigo?

— Você pode fazer isso sem ser visto. Vá com ela e...

— E depois, o que vou dizer? Não. Se for para sair do rancho, a gente sai. Mas a corda no pescoço não é comigo. Nem pense em mim para isso. Se você quiser fazer alguma coisa, faça você!

— Você está com medo.

— É claro. E você, que é valente, vai agir, não é?

— Devia ter acabado com vocês, quando eram pequenos. Agora me arrependo, e pago pelo meu erro!

— Ela tem razão. Passamos por donos durante muito tempo.

— E vamos continuar como tais.

— Não será mais possível, com esse juiz aí.

— Dennis me disse que deixou tudo ajeitado.

— Se for assim, não se preocupe e não pense em matar Sharon.

— É que não estou disposto a perder o rancho.

— Pois é bom que vá se acostumando a isso.

— Você parece feliz em sair daqui.

— Não é que me alegre, mas não vou me suicidar por isso. Além do mais, veja se para de me encher com esse negócio de Edith. Não vou com ela, nem ela comigo!

— Você não sabe que ela tem uma fortuna imensa?

— É verdade?

— Claro. Por isso é que eu queria que ela casasse com você.

— Mas ela está dizendo a todo mundo que não vai casar comigo. Não vou insistir...

— Bem. Não estou preocupado com isso agora.

Sharon havia combinado encontrar-se com Jeff e Edith. Ao saber disto, Ringo ficou mais furioso ainda. Sua preocupação aumentou, quando soube que ela fora à cidade. Sabia que Sharon voltara disposta a

recuperar sua propriedade, e quem poderia evitá-lo seria Dennis.

Este já tinha falado com o secretário do juiz e, quando entrou no escritório, Jeff o viu mexendo em alguns livros arquivados.

— O que procura? — disse, surpreendendo o homem, que não contava com sua presença àquela hora.

— Colocava os livros em ordem...

— Não há lugar para todos. É melhor que os deixe como estão. Está procurando algum em particular?

— Não, não! Sabia que não estavam em ordem, e caso o senhor me pedisse algum...

— Os mais necessários estão na estante. Não se preocupe com isso.

Não podia insistir mais. No entanto, não chegara a ver o livro que lhe interessava, conforme lhe pediram.

James, que estava aborrecido com Edith, ficou mais ainda, diante da atitude de seu pai em relação ao rancho.

Encontrou-se com as duas na cidade.

— Olhe, Edith, vamos acabar com esta idéia de casamento. Você não está interessada, nem eu. Temos que convencer nossos pais. — Depois, virando-se para Sharon, disse: — Vai ver o juiz?

— Não interessa! Acabou essa história de me controlar!

— Não estou preocupado com sua vida. Você é maior e responde por seus atos. Vou embora daqui, pois não quero que você me expulse do rancho. Estou certo de que está combinando isso com o juiz e o major.

— É exato. Não pensei, que você estivesse informado da verdade sobre o rancho — disse ela, também surpresa com as palavras dele.

— É verdade. Não sabia que você estava a par do assunto. Não quero ser expulso. Você vai vencer... O difícil é tirar meu pai de lá.

Sharon viu que não se enganara com Ringo. Percebeu que James estava assustado e que iria embora.

O rapaz foi falar com Dennis.

— Como está a situação do rancho?

— Coloquei-o no nome de seu pai, mas se o juiz for esperto, como parece, vai acabar descobrindo. Eu é que ficarei numa enrascada.

— Tem que convencer meu, pai a sair por bem, senão os militares vão expulsá-lo de lá.

— Será difícil. E minha situação também. Estou querendo recuperar uns documentos que darão muitos anos de cadeia, se descobertos...

— Você é o único que poderá convencê-lo. Diga para ele vender o gado e dar o fora.

James viu que a coisa estava séria. Ia partir com uns vaqueiros para Silver City, onde pretendia realizar seu sonho, que o pai nunca consentiu; montar um saloon.

O juiz foi a Santa Fé. Ringo ficou tranqüilo, mas Dennis não. E disse:

— Essa viagem será o seu fim neste rancho.

— Mas não vou sair daqui!

— Ringo, é melhor. Os militares vão expulsá-lo. Seu filho foi embora. Faça como ele. Você ainda tem dinheiro; retire-o, antes que o juiz mande bloquear sua conta.

— Já o tirei do banco. Pensa que sou idiota?

— Então vá embora! Diga que vai viajar e não volte mais...

Ringo foi para casa e ficou pensando no que dissera o ex-juiz. Contou seu dinheiro e riu, ao verificar que tinha bastante. Então resolveu viajar, como se fosse dar um passeio.

Todos notaram a ausência dele e de James. Sharon comunicou o fato a Jeff, quando este voltou de Santa Fé.

— Não será preciso expulsá-los. Foram embora espontaneamente.

Jeff ficou surpreso, mas aceitou a notícia com reservas.

CAPÍTULO III

Como Jeff tivesse bons amigos e o povoado estivesse tranqüilo, com a saída de Ringo e de seus pistoleiros, ele foi transferido para Silver City, um dos piores locais da região, pelo desrespeito à lei. Encontravam-se ali todos os marginais de Novo México, Arizona e do Texas, especialmente.

O juiz de lá abandonara o cargo. Tinha sido ameaçado por um condenado à morte, que fora libertado pelo xerife. A desordem era geral.

Todos os responsáveis pela ordem da cidade mineira discutiam o assunto. E acreditavam que a situação era tão grave que, além de nomear outro juiz, teriam de mandar parte do exército para Silver City.

Jeff foi nomeado juiz da cidade. Pediram que primeiro ele fosse ver como estavam as

coisas lá, sem se identificar. Se necessário, mandariam o exército depois.

Ele conhecia a cidade. Há alguns anos, a criação de gado era superior à exploração das minas. Teria que confirmar as informações do ex-juiz de lá.

Jeff nem voltou a Ruidoso, para se despedir de Edith e Sharon. Foi direto para Silver City e comportou-se como um curioso, sem deixar que a população percebesse que ele era uma autoridade.

Chegando à cidade, foi procurar um parente de seu pai, que vivia afastado da luta entre fazendeiros e mineiros. Agora a hegemonia estava em mãos destes últimos, cuja influência se tornava perniciosa, devido à especulação desenfreada, na base de emissões constantes de ações, que punham em perigo os valores sólidos e garantidos, pois havia falsidade em muitas delas. A desconfiança era geral.

Com pouco tempo por ali, podia-se perceber que os que estavam mandando na

cidade eram os donos de saloons, onde se favorecia o vício, além de outras vantagens pouco legais...

Durante a viagem, apesar de os passageiros não conversarem entre si, Jeff conseguiu saber que um deles tinha um rancho próximo ao de seu parente.

O viajante deu péssimas notícias da cidade. Contou que pessoas de outras regiões iam ali para comerciar prata, o que era proibido; que os fazendeiros pagavam muito mal aos vaqueiros, e estes corriam para os serviços colocados à sua disposição pelos exploradores de minas.

— Esta semana será agitada porque haverá eleições para xerife. Há dois candidatos. Depois, vamos escolher o prefeito, o que é uma simples farsa, visando a dar uma satisfação a Santa Fé. Há dois candidatos também, mas para ninguém suspeitar de nada. Já sabemos quem será eleito.

— Que belo povoado!

— Mas muita gente irá embora quando começar a decrescer a exploração das minas.

— Mas o negócio parece sólido — comentou Jeff.

— Somente em algumas minas.

— Mas este aumento da população é importante para o gado — disse Jeff.

— Sim, isso é verdade, em parte...

Depois desta conversa, Jeff despediu-se do fazendeiro e foi procurar o hotel indicado por ele. Soube também que havia um saloon, cuja proprietária era Dolly, uma linda mulher. Sua beleza tinha custado a vida a muitos homens. Sua casa era o ponto de encontro de mineiros e fazendeiros importantes, e também, um verdadeiro prostíbulo. Frequentemente, ela renovava suas empregadas. O que explicava o fato de sua clientela ser superior à de todos os outros saloons. O jogo também imperava ali.

Jeff chegou ao hotel, cuja dona se chamava Kate. Muito amável e atenciosa, era um claro contraste com a proprietária do saloon mais concorrido da cidade.

CAPÍTULO IV

— Agora entendi porque se meteu na discussão dos outros. É o novo juiz daqui. Sabe onde veio se meter? — perguntou Kate, entre surpresa e sorridente.

— Um lugar como outro qualquer.

— Rapaz, volte a Santa Fé e diga ao promotor que venha ele para cá. Você não vai conseguir se impor aqui. O comissário que anda por aí serve mais a Dolly do que ao juiz...

— Você não deve falar assim.

— Não está vendo? Veio aqui apanhar estas coisas, mas o que queria era roubar, com essa placa no peito, o que pertencia a quem não era parente dele.

— Ele não tem direito algum. Vai deixar esses objetos num canto do Juizado à espera de algum herdeiro.

— Não virá ninguém. O morto não tinha mais de seis dólares com ele. Só a Dolly,

devia duzentos dólares. Eu vi um recibo assinado por Fletcher.

— Você conhecia a letra dele?

— As empregadas afirmaram que ele andava mal de dinheiro.

— O que ele fazia aqui?

— Gostava de jogar, mas não tinha muita sorte — respondeu Jeff.

— O que indica que não era um trapaceiro, embora lhe agradasse passar como tal — disse Kate.

— Você tem certeza? — perguntou Jeff.

— Claro. Fiquei curiosa porque ele aparentava ter dinheiro.

— Então, a maleta... — dizia o comissário.

— Ficaré no Juizado.

— Vou levá-lo até lá. Eu tenho a chave. O Juizado fica junto ao escritório do xerife e da cadeia. E o Tribunal funciona no mesmo prédio — disse o comissário.

Não havia prefeito, mas apenas uma junta municipal, a quem Jeff deu conta de sua chegada.

Dolly já fora informada, pelo comissário, da chegada do juiz. E que ele havia impedido que levassem a maleta de Fletcher.

— Pois se é juiz, deve saber que as dívidas são pagas com os pertences do morto.

— Estou apenas dizendo o que aconteceu.

— Como era a aparência dele?

— Parecia um vaqueiro. Talvez goste de andar assim, mas estava armado, com um Colt de cada lado.

— Ele é velho — indagou Dolly.

— Mais jovem do que eu.

— É possível?

— Deve ter uns vinte e oito, no máximo.

— Demasiado jovem, não acha! — indagou Dolly.

— Se souber cumprir o seu dever...

Dolly riu às gargalhadas. Quando o comissário saiu, ela disse a um homem que estava sentado:

— Vá ver o juiz. Diga-lhe que eu quero conhecê-lo e falar com ele.

— Você está louca?

— Não comente e faça o que eu digo. Não esqueça de acrescentar que ele é meu convidado.

— Acho que não vai gostar de vir aqui.

— Quero ver a atitude dele.

O empregado, bem vestido e parecendo um cliente, foi até o escritório de Jeff. Este abriu a porta. O homem transmitiu o convite. O juiz disse:

— Se for alguma coisa do Juizado, diga a ela que venha aqui. Se for só um convite, pode lhe dizer que vou mais tarde, mas pagarei o que beber. E não será muito, pois eu bebo pouco.

Os candidatos a xerife e a prefeito ficaram contentes com a chegada de Jeff,

pois seria este que marcaria a data das eleições. Eles foram ao escritório do mesmo, para conhecer o novo juiz. Jeff marcou um encontro para o dia seguinte, às dez da manhã.

De tarde, entrou no estabelecimento de Dolly. Ninguém ali presente o reconheceu. Pediu uma cerveja e ficou olhando, para ver se ela aparecia. Tinha certeza de poder identificá-la de algum modo, em meio às outras mulheres.

Dolly estava furiosa porque Jeff ainda não tinha aparecido por lá. Um cliente encostou no balcão, na hora em que ela se aproximava para falar com o empregado do bar.

— O novo juiz já chegou? — perguntou o cliente.

— Não. Todos esperam por ele.

— Você devia ter ido ao escritório dele convidá-lo. Mandando que ele viesse aqui, vai achar que você quer dar ordens a ele, logo no primeiro dia.

— Não dou ordens... Não se faça de bobo, jornalista!

— Não deve ter agradado a vocês a chegada do juiz tão inoportunamente. Porque agora será ele que controlará e fiscalizará as eleições para xerife e prefeito.

CAPÍTULO V

— Dolly...! Falharam!!!

— Como? O que está dizendo?

— Os dois que foram ao hotel para acabar com o pesadelo do novo juiz!

— Falharam?!

— Foram recolhidos pelo coveiro em frente a este saloon. Estavam enforcados na árvore que há na porta. E ele supôs que os mesmos saíram daqui...

— Pois não gosto que esteja pensando assim. Acho que cometeram o primeiro erro grave...

Não podiam imaginar a gravidade que tinha aquilo. Mas não se assustaram porque o juiz não os visitou nem comentou nada. Passou uma semana, e a eleição foi marcada, para o dia seguinte. De manhã apareceu um pelotão de soldados, perguntando pelo hotel de Jeff.

Justamente por isto as eleições transcorreram dentro da maior normalidade, Os militares, como de sua obrigação, estavam ali para garantir o direito de o povo votar.

O pessoal aguardava o resultado nos saloons. Um terceiro candidato se inscreveu à última hora. Por isto, havia preocupações quanto aos resultados.

Não ficaram muito surpresos, mas desgostosos com a apuração. Esperavam ter, pelo menos, um dos postos-chaves da vigilância.

Jeff pouco se preocupou com a cerimônia da posse dos novos eleitos. Queria era receber o grupo de uns dez vaqueiros, que mandara vir de sua casa em Albuquerque. Ordenou que eles visitassem alguns saloons dali, deixando o de Dolly por último.

O primeiro saloon escolhido foi arrasado pela confusão que souberam provocar, ao surpreender dois jogadores que vivam

fazendo trapanças. Mineiros, e vaqueiros se encarregaram do castigo e do quebra-quebra. Teriam de ser repostos móveis e caixas de bebidas. O dono do saloon não podia reclamar nada porque os dois tinham sido justificados em público.

O pessoal logo correu para avisar Dolly. Mas ela tinha certeza de que nada aconteceria com ela. Nunca a surpreenderiam. Mas essa certeza durou só quatro dias, com todos falando que ela tomasse cuidado, pois três outras casas semelhantes à dela haviam sido destruídas.

— Não estou gostando disso... Escolheram primeiro as casas dos amigos... depois virão para cá... — falou ela.

— Não tenha maus pensamentos — disse Jules, seu empregado de confiança.

— Suspenda todos os jogos até segunda ordem.

— Você vai perder muito dinheiro, está louca?

— Não importa. É melhor suspender tudo esta semana. Talvez durante uma temporada... Nossos homens são hábeis, porém o juiz parece mais ainda... Não quero problemas com ele.

— Isto é coisa desse juiz! Não tenha medo. Aqui nada acontecerá. O que vamos dizer aos clientes?

— Não insista, Jules. Suspenda o jogo e desmonte as roletas "preparadas". Está deixando a minha casa por último, mas não vou dar este gostinho a ele...

— Você é muito medrosa!

— Não quero ser desmascarada. Suma com os dados viciados e as cartas marcadas, mesmo dos baralhos novos.

— Acho que você vai fazer bobagem.

— Sei o que faço. Nada de jogo, só baile e bebida. Nem que o pessoal prometa não trapacear.

Dolly não conversou mais. Jules sabia que ela estava mesmo decidida, E não

tardou a aparecer com dois proprietários de terrenos, para vender as mesas de jogo.

No dia seguinte, Kate contou a Jeff que Dolly retirara todas as mesas de jogo de seu estabelecimento.

— Ela é ruim, mas é esperta. Percebeu nosso jogo, mas isto não impedirá que eu feche o saloon dela.

Jeff encerrou a conversa e foi até o saloon de Dolly.

Ficou olhando espantado para o lugar vazio, onde estiveram as mesas. Ela, agressiva, foi até ele.

— Agora não há mais mesas para quebrar. Vendi-as todas, com baralhos e dados.

— Ganhou muito com o jogo? Os que mais lucravam foram os trapaceiros encarregados das mesas. Têm tanto dinheiro como você, no banco. Você se julgava esperta, mas Jules lhe passou a perna, ajudado por eles.

— Pode falar assim que não me incomodo, porque acredito no que está me dizendo. Pensei que eles fossem leais comigo... Este era o último saloon na sua mira, não?

— Não sei o que você quer dizer. Mas o fato de retirar as mesas de jogo demonstra que ficou com medo...

— Não queria que você fizesse com este saloon o mesmo que andou fazendo por aí.

— Não estou entendendo...

— Você é valente e esperto, mas não contava em encontrar alguém tão esperto como você. O pessoal acabará acreditando no que eu digo. Primeiro, foram meus amigos, depois seria eu... Mas eu me adiantei. Quero ver esse pessoal, que ficou desempregado pela sua violência, arrastando seu corpo por aí.

— Você diz isto com satisfação...

— Serei a primeira a vê-lo enforcado. Você me obrigou á me desfazer das mesas

de jogo, que eram o meu orgulho. Eu não o perdôo por isso.

— Mas se estavam roubando você... Podia até ser enforcada com eles... Ou você também fazia isto com os clientes, e por isto não se incomodava em ser roubada? Parece que você gostava de se sentar ao lado dos clientes, para dar sorte na roleta... e depois levava o dinheiro deles, não é? Você é muito bonita por fora mas, por dentro, é um monturo. Vou limpar esta cidade. Enforcaremos mais de um. Desde já, você é uma candidata à corda!

— É possível que você seja arrastado antes de mim!

— Aqueles dois falharam. Perdi uma oportunidade de enforcá-la.

— Não me meti naquilo. Não negaria, porque eu o odeio e vou matá-lo!

— Que acha de uma viga deste saloon para sua forca? — perguntou Jeff, rindo.

Ela sumiu dali, muito branca e assustada.

— Não tenha medo... Ainda não chegou sua hora... Mas chegará — gritou Jeff.

— Não tem nervos — disse ela, preocupada, comentando com um amigo, ao vê-lo sair. — Disse, e vai me enforcar! Vocês deixaram que ele nos dominasse. Foram incapazes de liquidá-lo! Agora os eleitos já tomaram posse e agem de acordo com ele!

CAPÍTULO VI

Dolly passou uns dias apavorada. Temia a presença do xerife a cada momento. Mas, com o passar dos dias, foi se tranquilizando.

Mas Jeff era dos que não esqueciam...

Duas semanas depois, apareceu um rapaz se queixando de que fora roubado por uma moça, com a qual passara uma noite nas dependências do estabelecimento de Dolly. Aquilo significava que o local era um prostíbulo.

Dolly negou o fato, pensando que o vaqueiro quisesse apenas levar dinheiro dela. Mas o rapaz formalizou a queixa, e o juiz mandou o xerife visitasse o estabelecimento dela.

A moça acusada foi levada ao juiz, na presença de um advogado, contratado por Dolly para defendê-la.

A moça dissera que o vaqueiro estava sem dinheiro. Tinha apenas o suficiente para lhe pagar. Assim, ele não podia dar por falta daquilo que não tinha.

— Você tem certeza de que ele não tinha mais dinheiro? — perguntou Jeff, com amabilidade.

— Tenho, absoluta.

— Disse isso, talvez, por ele não dar gorjeta, não?

— Não. Mostrou que seus bolsos estavam vazios.

— Quantos anos você tem?

— Quinze.

O advogado tremeu, porque não tinha pensado naquele aspecto da questão. Mas como o secretário tivesse tomado a assinatura da moça no depoimento, e Jeff nada tivesse comentado sobre a idade, o advogado julgou que ele não prestara atenção ao problema.

Mas, de tarde, Dolly foi presa pelo xerife. Por ordem judicial, o estabelecimento foi

fechado e todas as moças menores também foram detidas.

Dolly não viu Jeff nos três primeiros dias de sua prisão. Mas este não se opôs a seu pedido, para que chamassem o advogado que acompanhara antes a menor acusada.

— Por que estou presa?

— Por manter meninas como prostitutas.

— Mas se essas meninas, apesar de menores, são umas...

— Mas você não podia empregá-las para esse fim, e muito menos num saloon que não está registrado para isso — interrompeu o advogado.

— Só facilito a diversão para os que a procuram e pagam.

— Mas o juiz pegou você numa armadilha. A menina, além de menor, não era apenas uma empregada... Ela quis dizer que era bem jovem, para ver se o juiz se

interessava por ela como um possível cliente.

— Podem condenar-me?

— E a muitos anos. Na revista que fez, o xerife encontrou cigarros de marijuana, que eram dados a elas, antes de ir para cama.

— Não! — exclamou Dolly, apavorada.

— Você errou em querer enfrentar o juiz. Tentou matá-lo, fazer coisas ilegais e clandestinas... E a verdade é que a cidade mudou depois que ele veio para cá.

— Ele fechou a minha casa?

— E vai ficar fechada enquanto você ficar presa.

— Mas não é possível prender-me por muito tempo.

— Vai fazer isto apenas com uma ordem de Santa Fé, sem necessidade de Tribunal.

Dolly esperava ver Jeff, mas este, ocupado com outras coisas, tinha dado o caso dela por encerrado. Trabalhava, ajudado pelo jornalista com quem fizera

amizade, e lhe transmitia muitas informações.

O povoado crescia. As minas iam bem. Mas os fazendeiros se queixavam de que o gado estava diminuindo.

— O problema da falta de gado é grave, mas o pior é a desconfiança que está nascendo entre o pessoal. Todos suspeitam de ladrões entre eles, mas não se atrevem a denunciá-los — disse o jornalista.

— E você, sabe de alguma coisa? — perguntou Jeff.

— Não sou fazendeiro, sou jornalista. Sei que estão sumindo com o gado, a fim de emitir novas ações para a exploração das minas de prata. Estão necessitando de material mais requintado para os trabalhos de extração do minério.

— Você não vai dizer quem o informou disso tudo?

— Claro que não. Eles negociam clandestinamente porque temem o juiz, e eu gosto do meu pêlo!

— Sei — disse Jeff, sorrindo e pensando que estava diante do maior espertalhão da cidade, se bem que lhe desse boas informações.

— Não se preocupe com a resposta, pois dei-a por você, quando me ofereceram o negócio.

— E suponho que deverá ter acrescentado que, se fizeram estas ações e foram vendê-las longe daqui, eu enforcarei o editor que as imprimiu e os que estão por trás dele...

— Não tenha receio. Não penso em imprimir ações.

— Fico satisfeito por você pensar assim.

— Prefiro tranqüilidade, mesmo com pouco dinheiro.

— Antes assim... Não deve mudar.

— E Dolly? O que acontecerá com ela?

— Não depende de mim a punição que vão dar a ela.

— Não entendo...

— É a promotoria de Santa Fé que vai se encarregar disso. Eu me limitarei a apresentar provas e a dizer que tenho detida a acusada.

— Não será pena muito alta. Em Santa Fé também há saloons que exploram a prostituição, como o dela. Não gosto de Dolly, mas acho que não tem muita culpa. Proporciona apenas diversão aos homens.

— Quantas vezes você ia lá?

— Por favor!

— Não se assuste — Jeff riu. — Dolly falou. E acredita que todos a abandonaram, por medo. Vocês não me enganaram com aquela conversa, no dia em que cheguei aqui, pois sabiam que eu era juiz.

— Eu não sabia.

— Não tenho interesse em desmenti-lo. Como vai o jornal?

— Não muito bem. Faltam patrocinadores, e os gastos são muito altos.

— E as ações? Um dólar cada uma?

— Só imprimimos as que foram garantidas pelo banco. Não quero complicações perigosas.

— Deve continuar assim, mas... não me disse se dão a você um dólar por ação.

— Mas das vendas, não da emissão.

— Isto não é um sistema para uma atuação legal.

Terminaram a conversa. Jeff estava certo de que o jornalista imprimia as ações, mas que não estavam em sua gráfica. Queria provocar uma ida do xerife até lá. Jeff, porém, estava preocupado com as minas e as parcelas espoliadas. Esta parte ficara com o comissariado federal. Não tinha podido intervir naquela área mas soubera, por Kate, que havia muita irregularidade e espoliação naquele ramo.

No jantar, Jeff puxou aquele assunto com Kate, que argumentou:

— Mas você não quis que os mineiros falassem com você... Disse que isto era assunto do comissariado federal... Mas,

federal ou não, o responsável é um desonesto, um ladrão!

— Você não pode falar bem de ninguém nesta cidade, Kate?

— Posso. Mas o negócio agora é acabar com os que nos desgraçavam.

— Você nunca falou do jornalista...

— De Shane?

— É. Que impressão você tem dele?

— Vou lhe dizer uma coisa que vai scandalizá-lo... Você o atacou sem saber...

— Como?

— Cuidado com ele. É bom pistoleiro e... foi marido de Dolly.

— Não!!

— Separaram-se há alguns anos, mas ainda são amigos, se bem que finjam o contrário.

— Você os conheceu há muito tempo?

— Sim, mas eles talvez tenham me visto uma vez...

— O que faziam?

— Ela trabalhava no saloon "Paraíso", e ele era guarda-costas do dono do local e comprador de gado. Chamava-se Gonzalo Briones e pagava bem. Ninguém dizia nada contra ele porque temiam a morte. Levavam o gado até seu curral e pagava à vista, mas nenhum vendedor voltava; sempre havia um acidente, e todos acabavam ficando sem o dinheiro.

— Ele os assassinava...

— E esse jornalista sempre foi um dos homens de Briones. Dolly era amante daquele bandido e tinha a chave do cofre dele. Levou tudo, mas houve uma terrível luta contra Spencer, que é o verdadeiro nome do jornalista. Este demonstrou ser muito rápido realmente. Depois, eles saíram de Dodge, separaram-se e me surpreendi em encontrar Dolly aqui, juntamente com Spencer. Ela montou este saloon, e o resto você já sabe.

Fez uma pausa e continuou:

— Ele apresentou-se com outro nome, dizendo-se jornalista. Não liguei, porque sabia que era um sujeito perigoso. Pensavam que eu não sabia de nada. Deve ter implantado o sistema Briones por aqui, com esse negócio de ações e venda de gado. Quando vejo alguém entrar nessa, sinto um frio na espinha. Já sei qual será o fim deles, ao se verem cheios de dinheiro.

— Quem está neste esquema?

— Good é o sujeito do comissariado de minas.

— Não é possível!

— E devem estar com os documentos em ordem, embora de maneira irregular.

— Mas Good é responsável por uma das melhores firmas!

— No entanto, aqui ele ganha muito mais. Já estava doida para lhe contar tudo isto. Fiquei com medo quando vi você fazer amizade com o jornalista. Vai soltar Dolly?

— Não. Será enforcada em Santa Fé.

— Cuidado com Spencer. Se a levarem de diligência, peçam reforço a Santa Fé, e não confiem no tal sujeito do comissariado federal de minas.

— Fale com os mineiros que estão sendo espoliadas, para me procurarem, Vou resolver este caso em Santa Fé.

Pararam de conversar porque chegou o jornalista. Kate levantou-se, e ele se sentou no lugar onde ela estivera.

— Estive falando com o advogado de Dolly, e ele me falou alguma coisa sobre a marijuana que encontraram com as meninas, em forma de cigarros. Seria interessante que eu falasse com ela. Daria uma matéria excelente para o jornal.

— Você acha que ela vai dizer alguma coisa a você? Ela não é idiota. Mas, se quiser, eu peço ao xerife para que o deixe vê-la amanhã.

— Quero pedir a ela para que me deixe administrar o saloon enquanto ela estiver presa...

— O saloon não será reaberto. Está fechado definitivamente.

— Não é possível! É o melhor daqui e, sem jogo nem prostituição, poderá ser um local sério.

— Talvez. Mas o que está faltando aqui é um hospital. Por que não a convence, para que autorize o funcionamento de um, naquele mesmo local?

— Não é justo que ela dê de presente ao Estado uma coisa que ela gastou uma fortuna para montar. Poderia então instalar-se lá um hotel melhor do que este.

— Já melhorou. Acha que ela dará essa autorização a você?

— Não custa nada tentar. Posso até enviar o dinheiro para ela, se é que vai ficar na cadeia.

— Pelo menos uns dois anos...

— Passam rápido.

— Então, está bem. Falarei com o xerife. A permissão está dada. Boa sorte. E não

largue o jornalismo, pois, quando Dolly sair da prisão, vai querer o que é dela.

— Claro que não. Administrarei o hotel, de longe. Pode até ter uns trinta quartos, um bar para os hóspedes...

— Bar não! Não quero me aborrecer com você. Diga ao advogado que fale com ela. Agora, se me permite, continuarei comendo.

O jornalista saiu dali, irritado consigo mesmo. Tinha conseguido a autorização, mas cometera um erro ao querer instalar um saloon. Mas procurou o advogado, que se dispôs a dar o recado a Dolly, para que autorizasse tudo, na base proposta pelo juiz.

O advogado surpreendeu-se com o consentimento de Dolly para que o jornalista explorasse o local de acordo cora as disposições de Jeff.

O advogado disse que levaria a ela o documento naquele mesmo dia. Dolly assinara quase sem ler. Passara tudo para Shane Fife. O jornalista, que redigira o

documento, ficou satisfeito quando viu tudo pronto, e o advogado meio triste, lamentando que o prédio não tivesse passado para ele.

Jeff, ao tomar conhecimento da amplitude do documento, chamou o xerife e mandou que ele colocasse a cama de Dolly numa cela que havia debaixo da janela.

— Está com medo de que façam alguma coisa com ela?

— É. Nesta cela, por causa da grade, não dá para ver quem está dentro.

O xerife ainda fez outras perguntas, mas Jeff não quis dizer que temia que o jornalista cometesse um atentado contra ela, porque se tornaria dono de tudo.

Quatro dias se passaram, e nada de anormal aconteceu.

Chegou a notícia de que Dolly deveria ser removida, mas ninguém soube de nada, inclusive o advogado.

Todos pensavam que ela continuava na cela e, quando perguntavam por ela ao xerife, este dizia que estava tudo bem.

CAPÍTULO VII

— Vim procurá-lo. Dolly não está em Silver City — disse o advogado ao jornalista.

— Como?

— Foi levada para Santa Fé.

— Queria despedir-me dela.

— Foi levada há quatro dias. O juiz não me comunicou nada, e o xerife também. Diziam que ela ainda estava na cela.

— Não compreendo por que tanta precaução com uma mulher que não cometeu um crime tão grave assim.

— Disse isto ao juiz, mas ele falou que só se limitou a cumprir ordens.

— Agora está faltando a autorização dele para que o saloon seja transformado em hotel.

— Acho que, antes de um ano, ele não autorizará.

— Então para que serve esta autorização aqui?

— Não é seu amigo? Fale com ele.

— Estamos meio estremecidos.

— Vou sondar as intenções dele.

O advogado procurou Jeff e conversou com ele. Informou-se de que só depois de um ano o saloon poderia vir a ser reformado. Se criassem caso, só depois de dois. Havia também uma desconfiança no ar, por Dolly ter passado tudo para o nome do jornalista. Este ficou furioso ao saber de tudo isto.

— Ele pode fazer isto?

— Pode. Ele está irritado com essa história de prostituição de menores. Quer descobrir todos os responsáveis e, enquanto não consegue, não deixa que o saloon seja reaberto, para ser transformado em hotel. Foi o que pude entender ao falar com ele. É muito inteligente.

— Então para que serve esta autorização que ele me deu? Não estou gostando nada disto...

— Para quando o hotel puder funcionar.
Por que não fala com ele?

— Pode ser que eu o procure.

A estas alturas, Dolly já estava no presídio de mulheres em Santa Fé. Junto com ela seguiu uma carta de Jeff, baseada no que Kate lhe contara.

As autoridades de Kansas foram informadas, e as de Topeka entraram em ação. O xerife que servia em Dodge, na ocasião da morte de Briones, rumou para Santa Fé.

O promotor o recebeu e lhe disse o que Jeff comunicara, em sua extensa carta.

— Se for a mesma, não é uma mulher, é uma hiena. Matou uns seis, junto com Briones, nas transações de gado.

— Deve ter mais idade do que aparenta, embora se conserve ainda jovem e bonita.

— Era uma mulher muito bonita. Foi amante de Briones e saqueou seu cofre, quando ele morreu.

— Ela era tão má como Jeff diz?

— Todos dois. Um dia, obrigaram-me a passar a estrela para um criminoso. Embriagaram-me e fizeram-me cair no ridículo. Ela era casada com um dos capangas de Briones e se divertia, pedindo para o marido atirar nas pessoas, diante dela.

— Então, trata-se de um monstro.

— Sem dúvida... Ela envolvia os fazendeiros com sua beleza e fazia com que eles assinassem recibos de venda e outras coisas. Matava-os depois e, quando encontravam os cadáveres, com os mesmos também estava a cópia do recibo, firmado por Briones e eles. Então colocavam a culpa nos ladrões, por causa da vultosa soma que os mortos tinham acabado de receber... Descobri tudo isso, e retiraram minha estrela. Mas eu não podia falar nada. Teria custado a minha vida. A morte de Briones foi uma tranqüilidade para todos.

— Foi enforcado?

— Não. Uma mulher deu dez tiros de rifle no rosto dele, uma noite, quando saía do saloon. Com a morte dele houve uma debandada geral. Voltei a meu cargo, mas não quis reeleger-me. Era uma vida muito dura. Agora, a cidade é uma como outra qualquer. E se respeita a lei e seus representantes.

— Ela vai surpreender-se quando tornar a vê-lo.

— Vai é ficar morta de medo por saber o que a espera...

— Mas nada de levá-la a Dodge. Será enforcada no presídio.

— O importante é que seja punida. Nunca pensei, depois de tantos anos, presenciar seu enforcamento...

— Localizamos o marido dela e capanga de Briones.

— Queria ver a cara dele! Em Dodge, o pessoal não deve lembrar-se mais deles. Esquecem rápido... Mas eu me lembro até do casamento dos dois.

O promotor acompanhou o ex-xerife de Dodge, e avisaram a Dolly que o primeiro deles queria vê-la.

— Só agora que eles vêm explicar por que me trouxeram para cá? Quero falar com meu advogado!

— Está longe de Silver City.

— Que venha outro! Meu administrador e procurador poderá pagar.

— Diga isto ao promotor.

— E acha que não vou dizer?

A encarregada da vigilância não falou mais nada e levou-a até a sala onde estavam o promotor e o xerife, este de costas.

— Quero apresentá-la a um velho amigo seu — disse o promotor, ao vê-la entrar.

— Nãoooo! — exclamou Dolly, quando o xerife se virou.

— Oi, Dolly! Como este mundo é pequeno, não? Não esperava encontrar-me. Vou levá-la a Dodge. Lá ficaram muitos amigos de seu marido. Que foi feito dele?

— Nunca mais soube dele, e não acredite no que Briones dizia de mim.

— Mas você era amante dele. Suspeito até de que tenha sido você que o matou. Pensei que fosse matar seu marido também...

— Não tinha nada com aquilo tudo...

Como Dolly nada respondesse, o xerife continuou:

— Mas você será enforcada. Seu marido também, logo que o encontrarmos. Será dia de festa em Dodge. Pena que a morte, simplesmente, não seja um castigo para seus crimes. Como você foi parar em Silver City? Disseram-me que tem um saloon maravilhoso, é verdade?

— Ela perdeu a ambição, xerife. Montou um prostíbulo, com moças menores, e isto irritou o juiz de lá. Duro, e capaz de conter a violência no povoado, ele conseguiu impor a lei por lá. Ela reassumira ali seu papel tragicamente importante, como em Dodge...

Dolly não disse nada. O promotor perguntou:

— Quer algum recado para seus amigos?

— Não é possível que me enforcuem! Tudo o que fiz naquela ocasião foi obrigada por Briones!

— Mas ele a obrigou a rir, quando me tiraram a estrela para entregá-la àquele assassino?

— Xerife, perdoe-me... Briones era o culpado de tudo!

O promotor fez um gesto para que a vigilante levasse Dolly, e acrescentou que, à noite, ela seria enforcada no pátio.

Dolly saiu dali aos berros.

Dias depois, chegava a Silver City a notícia de que Dolly estava morta.

Jeff mandou chamar o jornalista e o advogado, para informar-lhes do ocorrido.

— Essa autorização que lhe dei perdeu o valor. Terá de esperar pelos herdeiros dela — disse o juiz ao jornalista.

— Terei de me encarregar do saloon porque...

— Já lhe disse que o Juizado tomará conta do local até que apareçam os herdeiros.

— Os advogados terão de opinar...

— Pois que opinem!

O advogado foi procurar o jornalista para receber seus honorários. Este último aproveitou para fazer-lhe a consulta sobre os bens de Dolly. Ao saber que o juiz estava com a razão, recusou-se a pagar o que pedia o advogado. Mandou que ele requeresse seus honorários em juízo.

Para Kate, a morte de Dolly era uma boa notícia, porque ela sabia de tudo que ocorrera em Dodge, na época de Briones. Confessou a Jeff que não simpatizava com o ex-xerife, o que também aconteceu com o promotor, que mandou dizer isto numa carta a Jeff. Kate se referia a ele como a um covarde, que tinha medo de Briones...

Jeff ria das palavras de Kate, porque quase coincidiam com as do promotor. Dizia que se ele deixasse que o ex-xerife levasse Dolly para Dodge, este a teria libertado no caminho. E depois justificaria o fato como uma fuga.

— Ele ainda é o xerife de lá?

— Não.

— Então, por que apareceu por lá?

Essas suspeitas eram procedentes, pois o ex-xerife e seus amigos tinham planejado alguma trapaça. Queriam ir a Santa Fé para apanhar a detida, a fim de obrigá-la a dizer onde estava o dinheiro que roubara de Briones. Alguém falara que Dolly tinha esta fortuna escondida em um local da cidade. Que ele havia fugido para Silver City apenas com uma parte do dinheiro. Por isto é que o ex-xerife se tinha apresentado, falando tão mal dela.

Ele não acreditava que o promotor mandasse enforcá-la. Ficou desolado com a

notícia, e alguém viu quando ele comentou com uns amigos:

— Disseram-me que localizaram Spencer. Ele talvez esteja em Silver City.

— Eles estavam separados e não se davam bem. Acho que ela não tinha mais nada com ele. O negócio é você pedir para o promotor avisá-lo quando encontrar Spencer.

— Vou a Silver City... O promotor deu a entender que ele estava nessa cidade. Se estiver, vamos sacar dele o que tiver, para não ser descoberto.

— Ele é muito bom pistoleiro!

— Nós também somos...

— Ela é que sabia onde estava o dinheiro.

— Deve ter levado tudo. O promotor falou que o saloon dela era um dos melhores da região.

Por fim, conseguiu convencê-los. E, quando havia partido, recebeu uma carta do juiz de Dodge, dizendo que tinha estado

fazendo averiguações, ajudado pelo xerife, e finalmente tinha levantado um histórico completo daquela, mulher. O juiz também dizia que Dolly merecia o enforcamento e que por ser mulher, não lhes interessava que fosse executada em Dodge.

Nem uma palavra no ex-xerife. O que demonstrava que ele se achava ali por sua própria-conta e sem estar de acordo as autoridades da cidade.

Foi ao hotel para falar com ele, mas soube que já tinha ido embora. Soube que chegara com dois acompanhantes. Lembrou-se de tudo e supôs que estivesse procurando por Spencer, com a idéia de chantageá-lo.

Jeff recebeu nova carta, mandando que prendesse os três, caso aparecessem por ali. Kate também leu esta carta.

— Também concordo com as suspeitas desse promotor.

— Será que ele reconhecerá Spencer?

— Claro. Viam-se sempre, e Spencer não mudou nada.

O xerife disse a Jeff que se informara de que estavam tratando de que o banco se encarregasse de uma emissão de ações da Silver, que era uma das mais importantes minas.

Também disse que esperavam o comissário de minas por aqueles dias.

— Conhece o responsável pelo comissariado? — perguntou Jeff ao xerife.

— Não. Mas parece ter fama de gente honesta e séria.

— Mas há quem se considere espoliado e reclame que não foi atendido por ele. Quando chegar, vou falar com ele sobre estes casos. Eles guardam documentos de algumas minas que se fundiram com a Silver, esta sociedade que você diz que é sólida e séria.

— Pelo menos é a mais famosa.

— Está emitindo ações. Será que estão mal economicamente? Sabe se os acionistas se reuniram?

— Não.

— Pois nada comunicaram ao Juizado.

— É possível que tomem outras medidas.

CAPÍTULO VIII

Ao sair do Juizado, uma bala explodiu bem perto do rosto de Jeff, que entrou novamente no prédio. Por uma das janelas, tentou ver de onde partiu o disparo.

Os curiosos olhavam para um homem que fugia a cavalo. Devia ser o autor dos tiros.

Jeff caminhou até o saloon de onde saíra o atirador. Todos falavam ao mesmo tempo. Soube que se tratava de um sujeito que trabalhava na mina Liberty, que pertencia à Silver.

— Está só? — perguntou, isto porque viu um cavalo sem estar amarrado na barra.

— Estava, sim — disse um, acompanhado pelos olhares de surpresa dos outros.

— Você não entrou com ele? — perguntou uma das empregadas. — Ambos

trabalham na mesma mina... por que você não disse?

O tal homem tentou levar a mão à arma, porém Jeff deu-lhe um pontapé na mão, e o revólver voou longe. Os socos dados por ele não deixaram que o sujeito reagisse.

— Quer dar-me uma corda? — pediu Jeff, com a arma apontada para o mineiro.

— Foi Luck... quem atirou... eu não ia atirar — balbuciou o homem, ao ver alguém chegando com uma corda.

— Quem os enviou para me matar?

— Não sei de nada. Luck mandou que eu o acompanhasse. Quando ele atirou, fiquei surpreso e não fugi.

— Você mentiu que ele estava sozinho...

— Fiquei com medo de que colocassem a culpa em mim... como o senhor está fazendo agora...

— Estavam esperando o senhor sair do Juizado. Luck montou rapidamente quando viu que tinha falhado. Este ficou paralisado,

mas sabia muito bem o que o outro veio fazer aqui — disse a empregada do saloon.

O mineiro tentou dar uma cabeçada em Jeff, que o empurrou violentamente sobre o balcão, fazendo-o cair desmaiado. Pediu água para jogar na cabeça do mineiro, mas a empregada exclamou:

— Ele está morto!

Jeff foi ver e notou que o golpe tinha sido mortal. Pouco depois, o xerife veio falar com ele:

— Parece que os mineiros não gostam muito de você...

— É obra de Good. Não esquece o que aconteceu com o filho dele.

— Não esquece é o dinheiro que gastou.

— E não deu tudo.

— Dois mil dólares é muito dinheiro. E a moça ficou contente. Disse que, se lhe dessem mais dinheiro, não se importaria de que acontecesse de novo... Vai ser uma prostituta. Os pais dela só queriam mesmo o dinheiro.

— Talvez eu tenha sido injusto com o rapaz. Acho que ela vai ser prostituta mesmo...

— Sabe quem atirou?

— Um tal de Luck. Estava com um sujeito que morreu antes de falar, mas acho que foi obra de Good.

— Estou surpreso porque ele admitiu que foi justo o castigo... Mas talvez não seja mineiro o que mandou fazer isto.

— Mas Good tem seus motivos...

Enquanto falava, pensava no jornalista e, sem saber por quê, no gerente do banco.

— Terei que procurar Luck. Só ele poderá tirar minhas dúvidas...

Na hora da comida, Kate sentou-se frente a Jeff e perguntou o que tinha acontecido com ele à saída do Juizado.

Jeff contou, e perguntou se ela conhecia um tal de Luck. Kate disse apenas que era um mineiro, e não acreditava que ele tivesse motivo para fazer aquilo.

— Deve ter sido por ordem de Good.

— Nunca usaria um mineiro, pois todos desconfiariam dele... Seria muito ingenuidade da parte dele. Não acredito nisso — disse Kate.

Quando Jeff ficou sozinho, pensou nas palavras de Kate. Lembrou-se novamente do jornalista e do gerente do banco. Mas resolveu procurar Luck. Ficou surpreso quando soube, dias depois, que ele aparecera morto na porta de um saloon onde costumava aparecer para beber.

— Tenha cuidado! Impediram que você falasse com Luck... e, da próxima vez, talvez não falhem! — disse Kate, ao saber das notícias, quando se encontrou de novo com Jeff.

— Não vejo a razão desse interesse.

— É possível que você tenha mais inimigos do que pensa...

— Talvez você tenha razão.

— O que está acontecendo na rua? Oh! Olhe! É vento! Que horror!

A violência do vento apagou todas as luzes da sala, deixando o hotel e a rua no escuro. As pessoas se seguravam nas pilastras das varandas; os telhados das casas voavam como papel, os barris rolavam pelas ruas e praças.

O sibilar da ventania assustava mais ainda. Nunca se tinha visto escuridão tal. As tentativas de acender alguma luz eram infrutíferas. Fecharam todas as janelas, para evitar os danos do vento. Ouviam-se lamentações, pedidos de socorro...

Quando, horas mais tarde, diminuiu a intensidade do vento, ouviu-se alguém gritar:

— O banco foi roubado! O banco foi roubado!

— Que bela noite escolheram para isto — disse Jeff, desolado.

Duas horas depois, o vento parou definitivamente. As luzes se acenderam e fez-se um silêncio deprimente e absoluto.

Pouco depois, o gerente do banco entrava num dos saloons e dizia que tinham matado um guarda e roubado seu cofre. Todos o tranqüilizavam, na esperança de que passasse a crise de nervos que o dominava.

O homem não se acalmava. Dizia que eram três homens e tinham estado escondidos num quarto velho, onde guardava documentos. Um deles, quando se ouviu o disparo, disse que não era para matar.

Quando ficou mais tranqüilo, o gerente disse que entrava e saía do local onde estava o dinheiro porque estava preparando um relatório para a agência central. Por isto a porta da caixa estava aberta.

Ouviu o vigilante ser ameaçado, ao mesmo tempo em que disparavam e começava a ventar. Disse que gritou ao ver o homem morto, mas que ninguém ouviu por causa do silvar do vento. Tentou acender um lampião, mas tremia muito...

No dia seguinte, Jeff e o xerife foram ao banco. O gerente mostrou o relatório que fazia na ocasião, e confirmou suas declarações anteriores.

— Se apagou a luz quando ouviu os disparos, como eles conseguiram pegar o dinheiro? — perguntou Jeff.

— Devem tê-lo visto antes. Olhem como deixaram tudo pelo chão!

O caixa e um empregado chegaram, lamentando a morte do colega. O caixa disse:

— Por que veio trabalhar à noite?

— Eu tinha de entregar o relatório para Santa Fé — respondeu o gerente.

— Eram três? — perguntou Jeff.

— Não posso garantir, por causa do assobiar do vento que entrava, mas acho que ouvi três vozes diferentes.

— Como entraram no banco? A porta da rua estava aberta? — perguntou o xerife.

— Devia estar. Vicente achou que eu não ia demorar muito...

— Isso foi um convite — disse Jeff, rindo. — Estava tudo aberto! Quanto levaram?

— Talvez uns setenta mil dólares. Tenho de consultar os livros... — disse o caixa.

— Foi um grande golpe! — disse o xerife.

— Temos de saber se alguém viu esses cavaleiros de que fala o gerente. As vozes não eram conhecidas, hem?

— O vento não deixava. E a luz apagou...

— Mas notou que eram três, apesar dessas dificuldades, não é?

— Sim, parece que eram...

— Engraçado... O barulho da ventania não impediu que ouvisse três vozes diferentes... Talvez conhecesse alguém...

— Acho que não eram daqui.

— A quem disse que iria trabalhar à noite, afora o caixa?

— Pedi no saloon do Tom um café bem forte porque ia ter de trabalhar durante a noite. Será que era gente daqui? Não! Vi

três homens passando a cavalo aqui em frente, ao entardecer...

Tentaram ver se achavam o rasto dos cavaleiros. Mas nada — Jeff não falava; queria saber apenas ao certo a quantidade do dinheiro roubado.

Depois voltou ao hotel. Ficou conversando com Kate, enquanto comia. Perguntou se ela conhecia Joan, a dona de um hotel para mineiros, a que chamam de Refúgio.

— Somos amigas.

— Queria falar com ela, mas sem ir ao tal Refúgio.

— Mas não fale no assunto da espoliação das minas...

— Você não pode esperar que fique sem castigo o que você condenou em Dodge. Foi quem matou Briones, não?

— Roubou uma boiada de meu esposo e depois o assassinaram. Tinha ido com ele porque pretendia comprar roupa para mim... como você soube disso?

— Suspeitei, quando soube que fora uma mulher.

— Depois que meu marido morreu, soube que ele era ladrão de gado. Nunca tivemos um rancho nosso. Ele negociava o gado roubado. Quando matei Briones, alguns vieram para reclamar a sua parte, como se eu tivesse feito um favor. Assim é que eu soube. Falaram que ele tinha dinheiro escondido. Neguei, mas, quando voltei à casa, verifiquei que era verdade. Foi com aquele dinheiro que resolvi partir e construir este hotel.

— Bem. Aquilo tudo passou. Mas se algum daqueles sujeitos encontrar você?

— Já falei com três deles. Não exigiram nada, nem protestaram.

Depois de um silêncio, Jeff disse:

— Preciso falar com Joan.

— Ela suspeita de que alguns de seus protegidos são espoliadores. Já lhe disse que o comissário está de acordo com essa espoliação. Há minas que não pertencem à

"Silver", mas a Good, de maneira privada, e ao comissário federal.

— Quando você estará com Joan? Posso confiar nela?

— Acho que sim... Mas leve em consideração que a conheço apenas daqui.

— Basta para mim a amizade que ela tem por você, a não ser que esteja a serviço do comissário.

— Não, isto não!

— Então, basta.

— Sabe que o jornalista está falando mal de você porque não o deixou abrir o hotel?

— E vai ficar logo cansado...

— Esse sujeito é muito perigoso. Será que não foi ele quem mandou matar você? Acho que não foi Good; ele fez tudo para que você pensasse que foi... Estava certo de que não iam falhar. E não podia contar com as suas possíveis suspeitas.

— Não esqueça de falar com Joan. Mande-a vir comer aqui...

— Depois de amanhã ela estará almoçando comigo.

Jeff tinha certeza de que falaria com Joan.

CAPÍTULO IX

As autoridades foram ao enterro do guarda do banco. Antes, Jeff tinha ido ao coveiro, para examinar o cadáver do empregado. Tinha sido morto à queimadura. Não comentou isto com ninguém.

O gerente do banco continuava com uma crise nervosa. Não parava de culpar-se por ter ido trabalhar à noite. Os amigos o consolavam. O xerife comentava que ele pensava em ir embora dali. Lamentava a morte do homem, pois o dinheiro poderia ser reposto, ao passo que a vida, não.

Jeff conversou com os amigos do gerente, sondou as conversas, fez comentários e, finalmente, disse ao xerife:

— Enquanto eu vou ao banco visitá-lo, você vai à casa dele...

— Por quê? — perguntou o xerife, olhando Jeff, surpreso, pois imaginava o que ele estava pensando.

— Esse homem, que se mostra tão desesperado com a morte do empregado, foi quem o assassinou. Depois, foi esse mesmo homem quem levou o dinheiro. Temos de segurá-lo em casa, pois ele está preparado para ir embora. Representa toda essa comédia, para que todos tenham pena dele.

— Você acha que isso é possível?!

— Estou certo. Ficarei com ele o tempo necessário para que você lhe reviste a casa. Deve estar tudo pronto para a fuga. Se está esperando a condução para Santa Fé, enquanto simula uma crise nervosa.

— Ele pediu transferência para lá.

— Já imaginava.

Jeff foi ao banco, conversou com o gerente, falou do assalto, do dinheiro, das ações, puxando assunto para dar tempo de o xerife voltar, mostrando assim, com sua chegada, que ele poderia sair dali.

A conversa foi longa. O gerente estava ansioso para que o juiz fosse embora. Mexiam em muitos documentos, porque o

gerente ia ser transferido dali, e o substituto poderia vir a qualquer momento.

— O juiz está aqui? — perguntou o xerife, da porta.

— Sim, aqui estou.

— Não há dúvida! Você tinha toda a razão.

— Agora vamos conversar...

O xerife fechou a porta do escritório do gerente, conforme havia combinado com Jeff, e foi falar com o caixa e outro empregado.

— É o que suspeitamos, mas não tivemos coragem de dizer — falou o caixa.

— É um assassino! Um comediante!

— Mas não conseguiu disfarçar bem...

Enquanto isto, no escritório do gerente...

— Quando espera que chegue a transferência? — perguntou Jeff ao gerente, que não desconfiava de nada.

— Por estes dias... não deve demorar...

— Pensa em ir embora, ou só pedir a transferência?

— É possível que eu abandone tudo.

— Você ainda é jovem. Com a transferência, esquecerá o que houve aqui...

— Gerente, o xerife acaba de encontrar o dinheiro do assalto. Acaba de entregar-me todo, inteiro! Há uns mil dólares a mais... — disse o caixa, após entrar sem bater, acompanhado pelo xerife e pelo outro empregado.

— Esse dinheiro são minhas economias! Nada tem a ver com o assalto — disse o gerente, olhando com ódio para o xerife, e muito pálido.

— Sabe onde encontrei o dinheiro? — perguntou o xerife, com o revólver na mão. — Vou matá-lo, seu assassino!

— Será julgado. Leve-o para uma cela — disse Jeff.

Quando os empregados do banco espalharam o ocorrido, pela cidade, o xerife e Jeff foram impotentes para conter a ira

popular. Lançaram-se contra o gerente do banco e o lincharam.

A morte deste foi um duro golpe para Good que, junto com o comissário federal, estava preparando uma venda maciça de ações, com o pretexto de uma nova mina que a "Silver" ia lançar no mercado.

Mas o projeto não estava pronto. Tinham sido apenas impressas as ações na gráfica do jornalista. Mas a negociata estava garantida pelo nome de "Silver".

— Vamos sustar esse negócio. O juiz está de olho. Quando aparecer a primeira ação, ele põe a mão na gente e iremos para a prisão, envolvidos nisso tudo — disse o jornalista a Good.

Good relutou, mas acabou aceitando a idéia do jornalista. Este estava com medo e ódio de Jeff. Porque impedira sua negociata e fora o culpado da morte de Dolly. Estava com raiva dela também porque não dissera a ele onde escondera o dinheiro que rouba-

ra de Briones. Ele sabia que era muito e que ainda estava guardado...

Durante vários dias visitou a propriedade da morta. Ficaram lá apenas as empregadas que não foram acusadas de prostitutas. Residiam ali, mas o local não podia ser freqüentado pelo público.

Jeff soube disso, mandou o xerife fechar tudo, e a chave ficou no juizado. As empregadas que fossem para outro lugar. Depois, chamou o jornalista para dizer-lhe:

— Não volte a ir lá.

— Sabe que eu tenho o documento...

— Não vale mais nada! Não me obrigue a mandar prendê-lo!

— Não é possível que não tenha validade!

— Perdeu-a com a morte da declarante...

Joan, a dona do Refúgio de mineiros, como tinha prometido Kate, foi almoçar com ela e Jeff.

O juiz lhe perguntou sobre os mineiros, e ela falou sobre os vinte e tantos que lá estavam hospedados.

— Há vários que trabalham na Silver, alguns em outras companhias menores, e a maioria em lavras próprias. Estes ganham menos porque carecem de meios para que a exploração seja mais rentável.

— Qual deles interessa a você? — perguntou Joan, de repente, depois de falarem de todos.

— Não sei se eles me interessam diretamente, pois não cuido dos assuntos deles.

— Pensei que quisesse saber de mim a opinião sobre o comissário federal. Se ele continuar por lá, será a desgraça para todos os trabalhadores honrados.

— Estou esperando por ele, mas até hoje não chegou por aqui.

— É um ladrão. Obteve uma fortuna em outras regiões. Por aqui o problema não é

tão grave. O pior que acontece é nas minas ligadas à Silver.

— Necessito de provas e documentos dessa espolição para me encarregar do comissário.

— É só pedir aos que se consideram espoliados, para que venham falar com você. Alguns deles ainda têm sua escritura, de propriedade porque o comissário anterior era um sujeito honesto.

— Há quanto tempo o novo comissário está aqui?

— Uns dois anos... e não perdeu tempo!

— Quantos são os que trabalham nas parcelas espoliadas?

— No meu refúgio tem uns quatro.

Pararam de conversar quando entrou uma jovem, acompanhada por um homem de uns quarenta anos que Kate conhecia, pois sempre se hospedava em seu hotel, quando passava pela cidade.

— Olá, Kate! Esse é o novo juiz? — perguntou a moça.

— Sou eu — disse Jeff, levantando-se.

— Por favor, quando puder, gostaria de falar com o senhor. Pode ir, Davie; obrigada por acompanhar-me.

— Acho que...

— Vou falar com o juiz...

— Você está enganada. Vai cometer uma injustiça. Não levaram uma só rês nossa. Evans não fez isso!

— Então, quem levou?

— Algumas vão embora sozinhas...

— E ninguém devolve? Então são ladrões.

— Talvez não percebam...

O capataz, que era o acompanhante da jovem, irritou-se e se afastou. Kate convidou a moça para almoçar. Ela aceitou e ficou ali. Começou a conversar com Jeff, e disse que estava desconfiada de que seu capataz estava envolvido com o tal de Evans, pois não queria que ela desse queixa dele.

— Que acha sua mãe?

— Não suspeita dele... Está enganada com Davie. Para ela, não há ninguém mais honrado.

— Mas então, por que sua desconfiança? Por que não pede uma contagem do gado comprado e vendido? — disse Kate.

— Comecei a sentir falta de alguns bezerros há uns quatro ou cinco dias. Dois deles, então, estavam acostumados comigo, pois sempre lhes levava cenouras e eles vinham correndo ao meu encontro...

— Vamos dar um passeio pelo rancho desse Evans. Pediremos ao xerife que nos acompanhe — disse Jeff.

CAPÍTULO X

Havia descoberto um dos bezerrinhos e, decidida, caminhou até ele.

— Aonde vai você? — gritou o capataz.

Ela levava uma cenoura na mão e o animal correu para ela, como estava acostumado.

— Parece que, pelo menos, este bezerro, veio para cá... — disse Jeff.

— Olhe! Está marcado a ferro. Em nosso rancho não estava. Ele sempre vinha em busca da cenoura... Eles o trouxeram para cá, pois não veio sozinho.

A moça, que falava acariciando o animal, surpreendeu-se ao ouvir um disparo.

— Para que anda armado, xerife? É muito confiante.

O xerife olhava para os dois homens no chão, caídos ainda com as armas empunhadas.

— Não pensei que fossem atirar!

— Você não se deu conta de que a moça descobriu que eles são ladrões de gado. Os bezeros foram trazidos para cá. Cuidado com os vaqueiros! — disse Jeff.

Mas estes já estavam se preparando para fugir, ao ver o capataz envolvido com a lei, e o patrão morto. Não queriam ser enforcados como ladrões de gado...

A mulher de Evans atirava por uma janela. Acabou ferindo o cavalo do xerife. Mas Jeff conseguiu atingi-la na cabeça. Morreu ao lado da janela.

Davie, que não suspeitava da visita ao rancho de Evans, conversava com a mãe da moça, dizendo:

— Jane vai criar caso com Evans, acusando-o de ladrão de gado.

— Não estou de acordo com Jane, mas... acho que estão sumindo reses...

— Não se deve falar assim...

— Não sei como você não deu falta! Os dois bezerrinhos que Jane alimentava

sumiram. E acho que desapareceram mais outros...

— Devem ter mudado de pastos. Se procurarmos, acabaremos encontrando os que sumiram.

— Mas Jane já procurou. Acabo suspeitando de que aqui há alguém que está ajudando a roubar o gado... Minha filha suspeita de você, e eu já briguei com ela por causa disso. Mas agora... começo também a desconfiar de você... Quem sabe ela está com a razão?

— Não acho que a senhora cometa a injustiça de me considerar um ladrão de gado — disse ele, empalidecendo.

— Mas Jane está muito segura...

— Está insistindo nisto, e vai acabar tendo um desgosto. Já disse isso na minha frente...

— Não ligue, ora!

— Mas ela disse isso na frente dos rapazes!

— Vou falar com ela para não fazer mais isso.

— Lá vem ela, com dois cavaleiros.

Davie reconheceu o juiz e o xerife, ficando nervoso.

— Vou dar uma volta. Não quero discutir com ela — disse.

Os cavaleiros se aproximaram, e Jane perguntou por Davie.

— Ele disse que não quer mais discutir com você — respondeu sua mãe.

Jane então contou tudo o que se passara no rancho de Evans. E logo disse que ele deveria mesmo fugir, se soubesse daquilo, pelo que tinha conversado antes com ela.

E Davie tinha ido exatamente ao rancho de Evans, para avisar a este que havia a possibilidade de o juiz aparecer com Jane e o xerife para visitá-los.

Quando apareceu ali, o cozinheiro e uma empregada o olharam surpresos. Ele perguntou por Evans.

— Está ali morto e... o capataz também... A patroa foi disparar pela janela, e teve o mesmo fim.

— Mas o que houve?!

— Jane apareceu aqui, com o juiz e o xerife, para revistar o gado. Nem foi preciso; um dos bezerrinhos, ao vê-la, correu para ela como um cachorro, em busca de alimento. Eles olharam, e o animal estava marcado com o ferro daqui.

Davie não quis mais escutar explicações. Tinha certeza de que eles agora iriam atrás dele. Maldizia a teimosia e a persistência de Jane.

Os fazendeiros foram ao rancho de Evans, e se certificaram de que o gado roubado estava no rancho dele. Era ladrão, mesmo!

— Se você fosse criança, devia lhe dar uma surra — disse Jane a sua mãe.

— E podia, pois não desconfiei que Davie era ladrão.

— Ia deixar-nos sem uma cabeça de gado. Pena que fugiu sem ser punido!

Todos ficaram agradecidos a Jane, mas a moça dizia que o mais importante não fora sua coragem e sim o afeto dos bezerrinhos, que denunciaram o roubo.

Kate e Jeff conversavam sobre o ocorrido.

— Você não sabia que Evans era ladrão de gado? Já tinha ouvido falar mal dele por aí — disse Kate.

— Pois eu tinha minhas dúvidas. E ficava temeroso com a atitude de Jane. Podiam fazer algum mal a ela. Mas o gado roubado estava todo lá.

— Davie escapou? — perguntou Kate.

— Quando nos viu chegar, fugiu.

— Deve estar longe!

Enquanto isso, Joan, seguindo as instruções de Jeff, enquanto os hóspedes estavam ausentes, revistava, o quarto de todos. Num deles encontrou uma nota

assinada pelo comissário federal. Parecia que havia algo ligado com a permanência do mesmo no pequeno hotel. Era para vigiar os mineiros das pequenas minas. Queriam saber a quantidade de prata que extraíam por semana. Estava tudo anotado. Mas pareciam enganados pelos espoliados, que não davam a informação certa. Parecia que desconfiavam de qualquer coisa...

O juiz avisou Jeff que o comissário chegara. Este veio na hora do almoço ao hotel de Kate, e foi convidado a almoçar, pelo juiz, para que pudessem conversar.

— Não tenho a lista dessas sociedades mineiras — disse Jeff. — Queria que você se encarregasse de prestar contas dos acordos nas juntas de acionistas, bem como as eleições de cargos.

— Bem... É que, como em meu escritório eu tenho tudo, pensei que não fosse necessário.

— Deve convencê-los a fazer isto, para que não tenhamos de suspender o trabalho deles.

— Acho que não está falando sério.

— Por quê?

— Não seria justo. Dependem de mim.

— E do Juizado. Além do mais, é do interesse deles.

— Isto não é assunto do Juizado.

— Você não está bem informado. É estranho. O Juizado tem de se preocupar com isso.

— Para que estou aqui?

— Para a organização ligada a seu cargo. Mas o Juizado deve estar a par de tudo que envolve a sua região. As minas não estão fora dela. Se você não colaborar, mandarei que todos venham aqui para declarar a composição dessas sociedades, com os nomes dos respectivos donos das minas.

CAPITULO XI

Jeff, no Refúgio, falava com Jane. Mas não disse à moça que estava disposto a acabar com os emissários que o comissário federal tinha ali. Estava cansado de agir dentro da lei.

Esperou a hora do almoço, em que todos estariam reunidos. Depois então apresentou-se e chamou os quatro que lhe interessavam. Estavam sentados juntos.

Enquanto comiam, Jeff perguntava a eles como estavam indo suas parcelas. E, ao se referir aos quatro, disse, ante a surpresa geral e o sorriso de todos:

— Vocês estão aqui para vigiar os outros, não é? Estão ligados ao comissário de minas. Qual é a função de vocês? Controlar o que cada um desses homens retira com o seu trabalho.

— Não compreendo o que o senhor quer dizer — retrucou um dos quatro.

— Pois parece que falei claro — disse Jeff. — Declarei que vocês estão aqui para vigiar e não para trabalhar... E, assim, sabem qual a parcela que pode ser espoliada. Ainda que eu ache que esses homens não sejam bobos de dizer a verdade a vocês.

— Não lhe parece que sua maneira de falar é muito grave?

— Mas o que eu digo é verdade, não é, rapazes?

— Estão só vigiando a gente. As parcelas deles estão paradas. Já notamos isso — disse um mineiro.

— Vocês não sabem de nada! — disse um outro dos quatro.

— Não somos trouxas, rapaz! Vocês não fazem nada, e ainda têm dinheiro para se divertir e pagar a Joan.

— Onde arranjam dinheiro? Da prata não foi, porque não trabalham... — disse Jeff.

Joan estava assustada.

— Não sabia que tinha amigos tão especiais, Joan... Mas este se enganou, Mesmo que seja juiz, não pode falar assim conosco. E, quanto a esses palhaços, conversaremos com eles depois...

— Ora! Será que o comissário mandou vocês para cá a fim de provar que são bons pistoleiros? Não sei como eles toleraram a presença de vocês quatro. Vocês não necessitam de vigilantes. Deviam tê-los enforcado!

— Você foi quem disse isso, Joan? — perguntou um dos quatro a ela.

— Não metam Joan nisto. Eu é que estou falando com vocês. Qual a ordem que têm para os que extraem mais prata? Matar? Porque vocês não passam de assassinos! E são uns novatos com as armas. Fingiram-se de muito bons pistoleiros para assustá-los. A culpa é de vocês todos. O mais simples seria ter acabado logo com estes quatro! — disse o juiz.

— Não está percebendo que o que diz é muito grave, amigo?

— Não importa, pois é a verdade. Vocês serão, ainda que tarde, enforcados!

— Joan, seu amigo não teve sorte ao ficar para almoçar aqui...

— Azar é o de vocês, porque resolvi acabar com os espoliadores e os pistoleiros covardes, que recebem dinheiro para matar!

— Se é o que você quer...

As testemunhas ficaram aterrorizadas quando viram os quatro ali estendidos no chão.

E se achavam tão velozes...

— Vocês devem enterrá-los em suas parcelas, e não comentem nada disto — disse o juiz.

Todos confessaram que há muito tempo desconfiavam deles e que, por isso, sempre os enganaram sobre a produção que conseguiam.

Os quatro foram enterrados nas lavras em que diziam trabalhar mas que, na realidade, nem foram tocadas.

— Estes não denunciarão mais ninguém! — concluiu o juiz.

No outro dia, na hora do almoço, Kate viu entrar dois desconhecidos, que procuraram uma mesa perto da de Jeff e ficaram olhando para ele com curiosidade.

Kate mandou um bilhete para ele, dizendo que tomasse cuidado com seus "vizinhos".

Quando depois ela se aproximou de Jeff, um deles disse:

— Olá, Kate!

Ela olhou para ele com indiferença e disse:

— Olá.

— O que há? Não se lembra de mim?

— Não posso me lembrar de quem nunca vi. Cuidado, Jeff! Estão interessados em você. Não ligue para o que disserem de mim.

— Ora! Não quer se lembrar de mim!... Pois que todos os que aqui estão saibam que ela foi minha amante durante muito tempo... E fugiu para este povoado... Veio escondida...

Jeff, em silêncio, sorria, olhando para os dois.

— Quem mandou vocês aqui? — disse finalmente. — O comissário tem muita confiança em vocês?

— Que comissário, rapaz?

Jeff soltou uma gargalhada.

— Está com medo?

— De você?

— Ora! Que mal há perguntar por ele. É pistoleiro como vocês... Quer dizer que conhecia Kate?! É verdade, vocês foram amantes, como disse... Kate não deveria tê-lo largado. Um cavalheiro tão distinto... vê-se logo pelas mãos... parecem acostumadas às cartas. Um perfeito vigarista! Pois é isto que vocês são! Vigaristas! Mas se deram mal, rapazes...

— Vou...

Sem deixar de sorrir, Jeff guardou as armas, depois de atirar sobre os dois, quando já tinham sacado os revólveres.

— Devem ter dito ao "chefão" que eram invencíveis...

Kate respirou, aliviada de satisfação.

— Confesso que tive muito medo, Jeff.

Jeff almoçava e conversava com as testemunhas que o olhavam com admiração. Um deles disse:

— Deviam ter sido mandados por alguém. Há pouco estavam falando com Good no saloon de Smith. O comissário estava com eles... — interrompeu-se para avisar que o carteiro trazia dois telegramas para Jeff.

— Só podiam terminar assim... Estavam muito confiantes na própria habilidade.

— O jornalista também estava com eles — falou um outro homem.

Com os dois telegramas na mão, Jeff saiu para procurar o xerife. Quando o encontrou, entregou-lhe os telegramas.

— Suspeitei porque ele não sabia qual era o seu cargo nem o meu. Identificou-se de maneira infantil.

— Estes sinais não correspondem aos do comissário federal.

— Nem podia ser de outro modo. Ele foi morto e se apossaram de seus documentos. Vamos conversar com os três que estão ali esperando o resultado da visita dos dois que foram mortos...

Os três comentavam, rindo e bebendo, o que iria acontecer no hotel de Kate.

Jeff e o xerife entraram no saloon e aproximaram-se deles, que formavam um grupo.

— Não sabia que estava aqui, comissário — disse o xerife. — Seu irmão saiu do meu escritório, perguntando por você.

— Meu irmão? — perguntou, surpreso.

— Olhe... lá vem ele aí — e mostrou um homem que entrava.

O homem se aproximou deles e olhou para os que estavam sentados, com indiferença.

Jeff vigiava o jornalista, pois sabia que ele era um bom pistoleiro.

— Ia procurá-lo, mas encontrei seu irmão e estava dando seu recado... Aí está ele...

— Estão brincando comigo?

— Este é Gene Farwell, comissário...

— Deve ser uma brincadeira, pois não é meu irmão...

— Mas tem os documentos dele...

A reação do comissário foi rápida. Mais ainda a de Jeff e de seu capataz, que era o tal visitante...

Tudo aconteceu numa fração de segundo, e seria impossível descrever aquela cena.

Antes de sair do hotel com os telegramas, Jeff tinha pedido a Kate que se

encarregasse de falar com seu capataz, pois iam ter uma briga séria no saloon.

Kate, sempre bem informada e rápida, conseguiu resolver tudo a tempo.

Foi a maneira que encontrou para escapar a uma punição antiga, pelo assassinato de Briones. Mas ninguém mexeria mais naquilo. Kate era uma mulher honesta.

— Mas, senhores, não precisam se preocupar... Eram três assassinos! Um deles se fez passar pelo comissário federal que enviaram. Apossou-se de seus documentos, o que lhe permitiu enganar a todos, até que finalmente foi desmascarado, pagando com a morte todos os seus crimes. O outro, o falso jornalista ou editor. Como queiram, era capanga de um tal Briones, que fazia negociatas em Dodge. Teve o fim de todo capanga... Queria ficar com todas as parcelas de minas da região, a troco de ações clandestinas e casas de jogo, com prostituição. E o tal Good, ainda que

tentasse encobrir suas roubalheiras, acabou descoberto, ao espoliar mineiros e fazendeiros... Por que ter pena dos três? Não precisamos lamentar estas mortes... — disse Jeff.

— ...e esta é a história das minhas duas primeiras atuações no cargo de juiz.

— Você esteve muito tempo como juiz em Silver City?

— Que nada! Fiquei como juiz itinerante! Depois acabei cansando e resolvi voltar para a minha casa, mas antes... tive de dar uma passadinha em Ruidoso. Foi a maior bobagem que fiz em minha vida...

Sharon, sua esposa, veio correndo da cozinha para atirar um pano em cima dele, tentando alcançá-lo.

— Que miserável! — dizia ela. — Eu é que não queria casar com ele!

O pai de Jeff soltou uma gargalhada.

— O que vocês têm de fazer agora é me arranjar uns netos. Não sei o que estão esperando...

FIM